

O Novo Ano e os Novos Século e Milênio, que ... ainda não chegaram

Carlos Pereira Parsloe, TSA

*"Nada façais por competição ou vanglória, mas,
com humildade".*

Carta de São Paulo aos Filipenses

Qualquer época sempre é válida uma reflexão do que passou e uma perspectiva do que virá. Nesta ocasião especialmente favorável em que termina mais um ano e se prenuncia o albor de um novo século/milênio é salutar voltar as vistas brevemente para o passado, território dos vetustos, e para o futuro descortinável, território dos jovens.

O ano 2000 trará em seu bojo as seguintes efemérides no âmbito da Anestesiologia brasileira: os 52 anos da Sociedade Brasileira de Anestesiologia, os 50 anos da Revista Brasileira de Anestesiologia, os 46 anos do primeiro Congresso Brasileiro de Anestesiologia e os 43 anos do primeiro exame para o título de especialista. Já em panorama mundial, salientando apenas algumas datas marcantes, celebraremos os 154 anos da introdução clara da anestesia inalatória, os 102 anos da raquianestesia, os 58 anos do primeiro uso do curare em anestesia, os 53 anos da anestesia peridural contínua e os 61 anos do início da cirurgia cardíaca. Em termos associativos, cumpre lembrar os 45 anos da fundação da Federação Mundial das Sociedades de Anestesiologistas (WFSA), os 38 anos da fundação da Confederação Latino-Americana de Sociedades de Anestesiologia (CLASA), os 36 anos da fundação da Federação das Sociedades de Anestesiologia dos Povos de Língua Portuguesa e os 12 anos da fundação da Federação de Associações Sul-Americanas de Anestesiologia (FASA), estando a SBA presente e atuante em todas as ocasiões. E, de permeio a tantas inovações clínicas bastaria mencionar a possibilidade de monitorar as funções fisiológicas em tempo real, que parecia algo inatingível, como uma quimera, e que se revelou fator indiscutível da extraordinária segurança oferecida pela anestesia hodierna. E, mais próximo aos dias de hoje, a infusão alvo-controlada por meio de computador e a viabilidade da anestesia total intravenosa como uma alternativa à inalatória.

A poucos indivíduos foi dado o privilégio de ter acompanhado o desenrolar de acontecimentos tão marcantes na Anestesiologia como os que aconteceram nos últimos 60 anos. Certamente é impossível para as atuais gerações sentirem no imo do seu ser o impacto de tantas inovações e de como elas modificaram conceitos e condutas numa sucessão interdependente e imbricada que por vezes se mostrava estonteante. Hoje elas se sentem "donas do saber" e não se dão ao trabalho de pensar na luta, nos sucessos e nos insu-

cessos, na ânsia de tudo aprender e de sempre acertar, caindo por vezes, inevitavelmente, na ribanceira, que foi a vida de tantos de seus precursores. A eles devem uma dívida de gratidão, que para alguns poucos se lhes configura inexistente. Estes poucos deveriam perder a gerontofobia que é própria dos jovens desprovidos da necessária ampliação e do sentido do escoar do tempo. Todos são herdeiros dos feitos de seus antepassados. Uma grande e luxuriante floresta lhes foi deixada para dela usufruírem seus frutos e admirarem sua beleza. Cultivem-na para a deixarem ainda mais bela e produtiva para as novas gerações que lhes sucederão.

Alguns, coevos, já ficaram ao longo do caminho. Seus nomes e suas contribuições não serão olvidados.

Vários episódios ficaram indelévels. Como esquecer as hipotensões aflitivas e duradouras, refletidas na ficha de anestesia, apresentadas pelos pacientes durante as simpatectomias tóxico-lombares bilaterais lá pelos antanhos de 1948? Como remover da memória o terrível desenrolar da primeira parada cardíaca com a criança chorando aflitivamente na indução, fato ocorrido durante a residência em Madison, nos Estados Unidos? Ainda existiam vômicas em bronquiectasias. Como esquecer a primeira anestesia para a operação de Blalock-Taussig em 1949, feita na Santa Casa da Misericórdia de Santos com ciclopropano e éter, em sistema vácuo com ventilação controlada manual, sem ter lido nada a respeito e dispondo apenas da juventude, que ignora dificuldades, e de um estetoscópio? Mas por lá pairavam os inefáveis anjos da guarda das cianóticas e mirradas criancinhas que, à primeira vista, pareciam que não iriam tolerar a anestesia. E também os princípios básicos que constituem os alicerces da Anestesiologia e que serão imutáveis enquanto existirem nossas formas conhecidas de vida aeróbica: manter ininterruptamente e na mais plena homeostasia o grande sistema de transporte dos gases e nutrientes, entre biosfera e mitocôndrias, do qual depende a integridade e a continuidade da vida. Como lançar na lixeira dos recantos neuronais o que parecia ser uma seqüela neurológica de raquianestesia durante dois dias mas que se provou, para um alívio incensurável, inexistente, em paciente cujo nome jamais esquecerei (V.W.)? Episódios semelhantes foram vividos, sofridos, pelas primeiras gerações de Anestesiologistas, no Brasil e no Mundo.

Todo organismo biológico ou social que não se renova estiola e morre. Cumpre não obstante, que tal renovação revitalizante o seja por células ou por indivíduos desejosos de trabalhar com e não contra o organismo. Fortificado pelo san-

que novo prossegue o organismo em sua trajetória para o porvir. Aguarda o futuro e com ele, se não a imortalidade, ao menos o matusalenismo. O que o espera? Como enfrentará os constantes desafios profissionais e sociais? Terá um crescimento ininterrupto? Hibernará pensando em seus louros? Involuirá? Mirando o passado há que ser confiante no futuro.

Minha geração atravessou a revolução da informática, ainda em curso, incrédula do que via se desenrolar sob suas vistas. Nem todos conseguiram absorvê-la. Tentou entender os progressos da biologia molecular, maravilhou-se com a elucidação da dupla hélice e com o desenvolvimento da engenharia genética. Mal acreditou quando soube que em meados do ano 2000 o genoma humano será conhecido e mal se apercebe de como este conhecimento transformará radicalmente a Medicina. Viu operações clássicas desaparecerem por força de tratamentos medicamentosos e tenta imaginar que outras mais desaparecerão. Sabe que a robotização já ampliou a exatidão de alguns tempos cirúrgicos e que se inaugura nova era de operações controladas por ressonância magnética. Que novos desafios teremos que enfrentar? Será a anestesia servocontrolada o primeiro passo para nossa robotização? Passaremos a fazer intubações traqueais por meio de vídeolaringoscopias? Teremos coragem de administrar anestesia sem olhar para os pacientes, apenas nos assegurando que “os monitores estão bem”? Chegaremos à anestesia teleguiada?

Ouviu dizer que a nanotecnologia resultará em outra inflexão tecnológica elevando o mundo a novo patamar. A cirurgia poderá ficar restrita ao trauma porque os nanosensores e as nanomáquinas investigarão e lançarão os fármacos receptor-específicos diretamente nos receptores celulares e as proteínas genético-específicas diretamente nos genes defeituosos para corrigi-los. Como terá que se modificar a anestesia nos próximos 10 a 20 anos, prazo possível para a introdução da revolução nanotecnológica com instrumental a nível atômico?

Uma geração inteira pensou e esperou que a tecnologia diminuisse o fosso divisor entre as regiões desenvolvidas e atrasadas do planeta e o viu aumentar. Uma nova geração espera, pelo que se rumora, que a nanotecnologia finalmente ofereça a possibilidade de diminuir o fosso tecnológico, assim possibilitando a melhoria dos padrões de vida de bilhões de seres humanos.

Pensou ingenuamente que as guerras iriam acabar; que a paz – utopia – reinaria soberana, mas presenciou os conflitos alastrarem-se intramuros municipais e, com caráter étnico e religioso, entre fronteiras nacionais internas e externas. Viu as drogas, na pior acepção da palavra, assumirem universalmente caráter quase epidêmico e subverterem a ordem social vigente. Constatou o abandono da noção de ética e presenciou, atônita, o espraiar da corrupção avassaladora e corrodora do tecido sócio-político em termos globais.

Saiu dos bondes, dos trens, dos navios e dos aviões a hélice e penetrou nos jatos intercontinentais. Levou dois dias em 1945

para voar do Rio de Janeiro para Miami, com pernoite em Belém, e hoje o faz em menos de 8 horas. Viveu num país com menos de 30 milhões de habitantes, uns poucos 200 km de estradas pavimentadas e precaríssimas comunicações – horas e dias para conseguir telefonemas interurbanos – para um dispondo de extensa malha rodoviária e fácil comunicação.

Nos anos 1936-39, um colega de Faculdade no Rio de Janeiro levava mais de 10 dias, por trem e barco fluvial, para chegar a Cuiabá, nas férias. Hoje o percurso, por via aérea, é mera questão de um par de horas. A ida entre Santos e Rio de Janeiro era empreitada para dia e meio, por trem, ou uma noite inteira por navio. Não obstante, a velocidade de transmissão neuronal permaneceu a mesma e tem cada vez mais que adaptar-se ao aumento constante das velocidades de todos os fenômenos que nos rodeiam e nos quais estamos inseridos.

Quem for digitar – alguém lembra o verbo e o ato, escrever, ou o que era caligrafia? - um Editorial no ano 2001, quando finalmente penetraremos nos próximos século e milênio, qual capacitação computacional usará? Quando ficarão disponíveis os computadores moleculares de rapidez inimaginável? E quando nos acometerão a inteligência artificial e ficará a anestesia robotizada, mas sob nosso controle?

Neste íterim, a SBA passou de um punhado de 33 pioneiros sócios fundadores em 1948, e ultrapassou os 6000 sócios atuais. Realizou os seguintes Congressos Internacionais de Anestesiologia: o 2º, o 11º e o 21º Congressos Latino-Americanos de Anestesiologia, respectivamente, em 1954, 1971 e 1991; o 3º Congresso Mundial de Anestesiologistas em 1964; o 1º, o 3º e o 5º Congressos Luso-Brasileiros de Anestesiologia, respectivamente, em 1965, 1971 e 1995, realizando o 7º neste ano de 2000, e o 1º Congresso Sul-Americano de Anestesiologia em 1990.

Foram muitos os feitos. Maiores serão as oportunidades e a grandeza para enfrentar o que vier. Que assuntos terá o Editor Chefe da Revista Brasileira de Anestesiologia – será este o cargo? – que selecionar para nela serem incluídos? Que temas merecerão considerações editoriais? Terá ela ainda apresentação física em papel ou será virtual e internet-etérea? Será mister criar novos cargos na Diretoria da SBA a fim de acompanhar a evolução tecnológica? O que irá parar no Museu da SBA? Porventura lá encontrarão repouso os nossos atuais aparelhos eletrônicos de anestesia? Serão as Assembléias de Representantes realizadas em anfiteatros, como até agora, ou em rede digital ficando cada representante em seus domínios, sem se transladar, e apenas participando de teledebates, televotações e teledecisões? Quem se habilitará a usurpar o papel de Jules Verne ou dos mais recentes Isaac Asimov, Arthur Clarke, Freeman Dyson e outros tantos cientistas visionários?

Durante a residência em 1946-48 eu lia praticamente todos os artigos publicados nas 4 Revistas de Anestesiologia de língua inglesa existentes. Hoje com mais de 50 Revistas especializadas mal é possível ler os seus índices e muito pouco do seu conteúdo. Como poderemos assegurar a atualização

necessária nos anos imediatamente vindouros? Como será possível dominar todas as técnicas de anestesia que existirão a nosso dispor? Como separar o joio do trigo? O terreno especulativo é fértil mas também pode ser inóspito.

E, por aí afora, muita previsão poderia ser enunciada. Não importa que rumos tomem as evoluções científica e profissional. O médico, da mesma forma como todos os indivíduos, deverá ter o sentido da imanência da conduta ética para ser responsável perante seus pacientes, seus colegas e todos os cidadãos e não apenas proceder com intuítos insufladores de vaidade e de orgulho fúteis e fátuos. Terá que ser respeitoso para com seus pares e movido por um espírito de cooperação e impersonalismo a fim de que a harmonia produtiva reine em qualquer ambiente de trabalho. Cumpridor de seus deveres mais do que exigente de seus "direitos". Tudo isto requer maturidade e uma boa dose de bom-senso. Tanto quanto ou mais do que simples "conhecimentos" de matéria e de técnicas. Estes são de fácil aquisição e não muito exigentes em massa cinzenta. Aqueles carecem algo mais, inú-

meras novas conexões sinápticas, engramas e tempo, o inexorável tempo.

Portanto, rumo ao século XXI e ao terceiro milênio, sejam eles iniciados já em 2000 ou somente em 2001. Pouco importa a data, mas importa e muito a conduta pessoal altruísta e não egoísta. Aquela que leva a oferecer trabalho e não a exigir recompensa. Que se compraz com a noção do dever cumprido e não busca o reconhecimento espontâneo ou induzido da coletividade. Cujo olhar aponta para o firmamento e não para o chão. Que tenta alcançar o zênite e não se contenta com o nadir. Assim, além do passado airoso e do róseo presente, estará assegurado um aurirróseo futuro para a Sociedade Brasileira de Anestesiologia.

Carlos Pereira Parsloe, TSA
Rua Comandante Ismael Guilherme, 98
04031-120 São Paulo, SP